

Professor Ivan da Costa Marques, Sócio Honorário da ESOCITE.BR

Guilherme José da Silva e Sá (UnB)
Márcia Regina Barros da Silva (USP)
Fabrício Neves (UnB)
Daniela Alves de Alves (UFV)
Isabel Cafezeiro (UFF)
Adriano Premebida (UFRGS)
Sayonara Leal (UnB)¹

A ESOCITE.BR, em sua gestão "Ciência, Tecnologia & Sociedade: resistência e engajamento" (2017 a 2019), outorga ao Professor Ivan da Costa Marques o título de Sócio Honorário pelo interesse e dedicação especial à Associação.

Buscando um momento específico na carreira do prof. Ivan da Costa Marques que demonstre uma parte de seu engajamento com os temas de estudos sobre as *Ciências, Tecnologias e Sociedade*, podemos escolher a data de criação do grupo de estudos NECSO (Núcleo de Estudos de Ciência & Tecnologia e Sociedade) no ano de 2001, como de publicização das reflexões que começaram muito antes, quando de sua participação e atuação na área de desenvolvimento de uma tecnologia de informática própria, brasileira, e do início de sua participação no ensino superior no país no fim dos anos 1960. A década de 2010 a 2019, seria dedicada à institucionalização do campo de estudos CTS em duas frentes: a primeira, junto à SBHC (Sociedade Brasileira de História das Ciências) onde atuou como vice-presidente e conselheiro entre 2008 e 2014 e a segunda na criação da ESOCITE.BR, como é conhecida a Associação Brasileira de Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia, fundada em 14 de outubro de 2010.

Nessa segunda frente Marques atuou como articulador da criação da ESOCITE.BR, inspirada na associação latino-americana, especificamente a partir dos debates havidos em 2008 quando das VII Jornadas Latino-Americanas de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias (VII ESOCITE Latino Americano) realizada na cidade do Rio de Janeiro da qual foi organizador brasileiro, junto com o grupo de seus orientandos. Ivan da Costa Marques foi responsável por constituir formal e juridicamente a ESOCITE.BR, sendo indicado para assumir a presidência na instalação da associação em 2011. Foi então primeiro presidente eleito em 2013

¹ Diretoria da ESOCITE.BR, gestão 2017-2019

e reeleito em 2015, permanecendo no Conselho quando da eleição da atual diretoria em 2017. Marques também foi responsável pela articulação da adesão dos simpósios TECSOC do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) ao ESOCITE.BR, sendo por isso que estamos atualmente na oitava edição do nosso simpósio nacional. Sendo que o primeiro ocorreu em 2013 na UFPa, 2015 na UFRJ e o último em 2017 na UNB.

A produção acadêmica de Ivan da Costa Marques reflete sua trajetória profissional. Se tivéssemos que escolher um ponto apenas a destacar, com certeza seria sua constante preocupação com a capacidade da América Latina de agir sobre seu destino. Os estudos CTS têm sido uma das formas em que Marques buscou para construir “pontos de fuga”, com “simetria e dialogicidade”, a fim de que conferir respeitabilidade às nossas próprias ontologias.

Marques tem produção extensa, intensa e diversificada, com textos veiculados em revistas nacionais e internacionais, entre artigos e livros, dedicados ao universo acadêmico, e importante, também com material paradidático. A produção científica perpassa um leque de interações, no período de sua atuação na indústria nacional, com artigos estimulados pela vontade de contribuir para a construção de uma indústria de computadores nacional. Esses textos influenciaram instâncias governamentais, assim como de parte do empresariado nacional, em busca de estimular à produção de tecnologia consequente. Depois disso, sua produção foi cada vez mais dedicada à discussão sobre as capacidades da academia nacional em desenhar um pensamento local, nativo, no incentivo às nossas capacidades epistemológicas, e global, na provocação ao pensamento único.

Essas características, aqui abreviadas, servem apenas para indicar um panorama possível, entre outros, e que nos serve para configurar a não dissociação entre uma prática profissional e acadêmica engajada e o rigor conceitual.

Descreveremos a seguir uma trajetória marcada pela pesquisa engajada, em que a impossibilidade de uma prática científica neutra, linear, essencialista e universalista colaborou na construção de uma trajetória de vida que se robusteceu no encontro com o campo de estudos CTS. Marques foi um dos maiores responsáveis por trazer estes estudos ao Brasil, atuando na formação de novas

gerações de pesquisadores propositores de pesquisas e estratégias CTS. Não surpreende que essa trajetória tenha desembocado na fundação desta associação.

Trajetória

Vamos contar brevemente uma história sobre ciência e tecnologia no Brasil. Falaremos dos esforços para a efetivação da pesquisa no Brasil, mas também, dos primeiros esforços para criação de uma indústria nacional de computadores. Passaremos pela consolidação de entidades importantes para a pesquisa, como a Coppe/UFRJ e NCE/UFRJ; falaremos de outras instituições importantes para a indústria, como a CAPRE, a COBRA e DIGIBRÁS. Acompanharemos a efetivação de uma pesquisa engajada e a convicção da impossibilidade da pesquisa “isenta”. Adentraremos em campos distintos do conhecimento, das exatas às humanidades; verificando a ‘desfronteirização’ de campos de saberes através dos estudos de Ciências, Tecnologias e Sociedades. Seguiremos um percurso de consolidação dos estudos CTS até a criação da ESOCITE.BR. Vamos no rastro de Ivan da Costa Marques.

Na década de 1960, quando CNPq somava cerca de dez anos de suporte às atividades de ciências e pesquisas tecnológicas no Brasil, o golpe de 1964 atingiu em cheio universidades e os então recentes programas de pós-graduação, levando ao exílio diversos cientistas e pesquisadores. Diante do cenário de desmantelamento e perseguição instituído pela ditadura, o CNPq passou a adotar mecanismos de formação de jovens pesquisadores através do financiamento de mestrados e doutorados em universidades do exterior. Ivan da Costa Marques, recém-graduado pelo ITA e ainda a caminho de completar seus 20 anos de idade, foi um dos selecionados. Regressou em 1973, tendo concluído mestrado e doutorado na Universidade da Califórnia, em Berkley, na área de Ciência da Computação. Quando voltou, se deparou com um cenário pouco acolhedor: não havia computadores no Brasil, o país havia reservado aos jovens pesquisadores recém-chegados o papel de vendedores de computadores de empresas estrangeiras que operavam aqui.

Inconformado, e percebendo com clareza que ciência e tecnologia atendem a uma configuração de poder e interesses locais, iniciou ali a trajetória engajada pela criação de uma indústria nacional de computadores. O primeiro passo: em 1974, junto com outros 11 estudantes, construiu o Processador de Ponto Flutuante,

equipamento do tamanho de oito caixas de sapato que triplicava a velocidade dos cálculos dos computadores utilizados nos cursos da UFRJ. O processador precisava ser acoplado ao IBM1130, demandando habilidades que extrapolavam o domínio das técnicas. Isto exigia negociações com a IBM, esbarrando em interesses econômicos e políticos da empresa.

Dessa vivência sociotécnica nasceu uma certeza, mais do que isso, a teimosia de acreditar na possibilidade da autonomia tecnológica para o Brasil. Como professor-pesquisador da COPPE/UFRJ e diretor NCE/UFRJ, percorreu o país em seminários e conferências, onde falava e escrevia sobre pesquisa, desenvolvimento e autonomia tecnológica, defendendo a viabilidade técnica e econômica de se criar uma indústria de computadores brasileira, e a importância da pesquisa universitária como alavanca para o desenvolvimento tecnológico local.

O atrevimento não foi pequeno. Por um lado, Ivan queria deslocar o Brasil do papel consumidor de tecnologia para produtor de tecnologia, e para isso negociava diretamente com a gigante IBM. Por outro lado, queria deslocar a pesquisa brasileira da submissão aos “grandes temas” das pesquisas estrangeiras insistindo em uma abordagem situada, comprometida com os interesses locais. Para isso enfrentava a resistência dos acadêmicos brasileiros que, entendendo o desenvolvimento como um percurso linear, insistiam em seguir os rumos dos “desenvolvidos”.

Durante os anos 70 Ivan assumiu a coordenação da CAPRE (Coordenação para o Aperfeiçoamento de Processamento Eletrônico), envolvendo-se diretamente na conformação de políticas para defender a criação da indústria nacional de computadores. A CAPRE era uma secretaria criada em pleno governo Geisel, onde os acadêmicos delimitaram um território de resistência dentro do governo militar garantindo participação em questões de desenvolvimento tecnológico, educação, divisão internacional do trabalho e indústria de computadores. Ivan participou da fundação da Sociedade Brasileira de Computação, que é ainda hoje a principal sociedade científica que regulamenta a área da computação no Brasil. Atuou na direção das maiores empresas nacionais e privadas de computadores. Entre políticas e práticas, Ivan percebia e denunciava as assimetrias nas divisões de trabalho e na produção de conhecimento e mantinha vivo o diálogo com a comunidade da informática através de publicações constantes, como por exemplo, na importante revista DADOS&Idéias, na Revista de Administração Pública da FGV,

e no Jornal do Brasil. Na tônica de seu discurso acadêmico estava uma abordagem situada: a opção declarada por pesquisa e desenvolvimento comprometidos com demandas urgentes, nacionais e locais. Cada vez mais, esta escolha tornava-se incômoda para grande parcela da comunidade acadêmica que priorizava a aderência aos propósitos de uma ciência ditada pelos países desenvolvidos, considerada universal.

Na virada para os anos 80, passando de Geisel a João Figueiredo, a ditadura assumiu outros contornos de truculência, e o esforço pelo desenvolvimento da pesquisa nacional não foi suficiente para assegurar o pequeno espaço de atuação dos acadêmicos. Intensificou-se a perseguição, intimidações, escutas telefônicas e proliferação dos informantes da polícia política. Extinguiu-se a CAPRE e instituiu-se a SEI (Secretaria Especial de Informática) diretamente ligada à presidência da república, sob tutela militar. O SNI instalou sobre a comunidade acadêmica o regime de suspeita e detenção preventiva sob o risco de subversão e comunismo. Qualquer possibilidade de atuação/intervenção da comunidade acadêmica na cena política foi sufocada. Ivan regressou à universidade como professor 20 horas, assumiu a direção de uma empresa nacional privada (EMBRACOMP), posteriormente, assumiu a direção de uma empresa nacional pública, a COBRA, tendo sido o personagem decisivo na suspensão das negociações pela privatização da empresa.

No vazio cavado pela ditadura, alinhar humanidades com tecnologias e ciências consideradas exatas, combinar o olhar para a conjuntura social com políticas e gestão tecnológica, significou uma ampliação de possibilidades de análises e compreensões dos processos de conformação das ciências e tecnologias, das configurações dos saberes, dos campos de saber e das instituições políticas, bem como das divisões de tarefas e determinações dos papéis sociais. Buscando explicações para o rumo assumido pela Política Nacional de Informática, na década de 1990, Ivan partiu para o campo das humanidades. Foi recebido como “Visiting Research Fellow” na New School for Social Research, NCSR, Nova York, Estados Unidos, onde teve a oportunidade de atuar junto a importantes pesquisadores do campo da filosofia, história e antropologia. A adesão aos Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia ocorreu como um prosseguimento desses estudos. A abordagem sociotécnica assumida dialogava diretamente com a experiência vivida, na insistência de que ciências, tecnologias e Brasil são conjugadas no plural. Assim,

Ivan liderou a instalação do campo CTS no Rio de Janeiro. Grande parte dos atuais pesquisadores no campo passaram pelos debates da disciplina “Fatos e artefatos como construções sociotécnicas”, que se multiplicou em diversas outras a partir de meados dos anos noventa.

Como já foi dito, o grupo NECSO congregou pesquisadores de vários estados do país em diversas áreas, com o objetivo de robustecer as discussões de situações locais, buscando não somente a compreensão, como também a proposição de soluções. Este grupo de pesquisa promove os ATO-REDE, encontros anuais que vêm ocorrendo ininterruptamente desde 2002, alavancando discussões em torno da Teoria Ator-rede, e se encontra atualmente na segunda década de trabalhos pelo fortalecimento e ampliação do campo de Estudos CTS no Brasil. As atividades acadêmicas, em conjunto com a prática política e produtiva e agora com a ESOCITE.BR, se desdobraram na carreira de Ivan como mais uma forma de unir conhecimento e sabedoria. Assim, para o campo de estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade no Brasil, a indicação de Ivan como sócio honorário da ESOCITE.BR significa não somente o fortalecimento, como também o registro histórico da própria construção do campo.

Ao Professor Ivan da Costa Marques, Sócio Honorário da Associação Brasileira de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias, o nosso profundo agradecimento pela amizade, incentivo, ensinamentos, atuações e parceria constante na construção conjunta dos caminhos que nos permitem reafirmar nossos compromissos e resistir ao atual cenário de ataques aos valores democráticos que afetam diretamente Ciências, Tecnologias e Sociedade.